

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG

JÉSSICA JANINA TOZO

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: LOJA COLABORATIVA DE
CASCABEL-PR**

CASCABEL

2018

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG

JÉSSICA JANINA TOZO

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: LOJA COLABORATIVA DE
CASCABEL-PR**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Arquitetura e Urbanismo, da FAG,
apresentado na modalidade Projetual, como
requisito parcial para a aprovação na
disciplina: Trabalho de Curso: Qualificação.

Professor Orientador: Cassia Rafaela Brum de
Souza

CASCABEL

2018

RESUMO

Esse estudo apresenta proposta projetual de uma Loja Colaborativa para a cidade de Cascavel – PR, tendo como base para a estruturação teórica da mesma associando estudos sobre consumo colaborativo e arquitetura corporativa com ênfase em espaços compartilhados, abordando arquitetura moderna, regionalista e paranaense. O problema da pesquisa consiste na adoção de uma arquitetura sustentável, regionalista e acessível para a criação do empreendimento. Em relação ao procedimento será proposto a criação de uma loja colaborativa para a cidade, para atender microempreendedoras da região para que possam oferecer seus produtos e serviços.

Palavras chave: Modernismo. Regionalismo. Espaços Compartilhados.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Consultório Médico. Arquiteta Heloisa Dabus	14
Figura 02 – Oficina Mecânica Wilson Auto Center. Urbanus Arquitetos Associados ...	14
Figura 03 – Fabrica de Munições em Londres.....	15
Figura 04 – Espaço colaborativo do Banzai Coworking.	16
Figura 05 – Endossa/Loja Colaborativa.....	17
Figura 06 – Fachada em concreto bruto Teatro Guaíra - PR	21
Figura 07 – Fachada Sinergua Coworking Pallermo	22
Figura 08 – Interior Sinergia Coworking Pallermo	23
Figura 09 – Planta Baixa Térreo	23
Figura 10 – Planta Baixa Segundo Pavimento.....	24
Figura 11 – Planta Baixa Mezanino	24
Figura 12 – Planta Baixa Porão.....	25
Figura 13 – Térreo e Mezanino	25
Figura 14 – Fachada Container Coworking	26
Figura 15 – Volumetria Container Coworking.....	27
Figura 16 – Planta Baixa Térreo	27
Figura 17 – Planta Baixa Segundo Pavimento.....	28
Figura 18 – Interior Container Coworking.....	28
Figura 19 – Fachada VintSet Experimental Store.....	29
Figura 20 – Interior VintSet Experimental Store.....	30
Figura 21 – Planta Baixa VintSet Experimental Store	30
Figura 22 – Fachada Laundry Deluxe	32
Figura 23 – Interior Primeiro Pavimento.....	33
Figura 24 – Interior Segundo Pavimento	33

Figura 25 – Área Externa	34
Figura 26 – Fachada Solar do Unhão	35
Figura 27– Escada Solar do Unhão.....	36
Figura 28 – Fachada Palácio das Telecomunicações.....	37
Figura 29 – Muro com Detalhes do Brutalismo Paranaense	38
Figura 30 – Localização do Terreno	39
Figura 31 – Localização do Terreno	40
Figura 32 – Mapa de Orientação Solar	41
Figura 33 – Mapa Uso e Ocupação do Solo.....	41
Figura 34 – Corte esquemático leste e oeste - AA.....	42
Figura 35– Corte esquemático norte e sul - BB	42
Figura 36– Plano de Massas	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. MARCO TEÓRICO.....	11
1.1 ECONOMIA CRIATIVA.....	11
1.2 CONSUMO COLABORATIVO	12
1.3 ARQUITETURA CORPORATIVA.....	13
1.3.1 Espaços Compartilhados.....	15
1.3.2 Loja Colaborativa.....	17
1.4 MODERNISMO REGIONALISTA BRASILEIRO	18
1.4.1 Arquitetura Regionalista de Lina Bo Bardi.....	19
1.4.2 Arquitetura Paranaense.....	20
2. CORRELATOS	22
2.1 SINERGIA COWORKING PALERMO DE MONTEVIDEO - URUGUAI	22
2.1.1 Aspecto Formal.....	22
2.1.2 Aspectos Funcionais	23
2.1.3 Aspectos Construtivos	25
2.2 CONTAINER COWORKING EM ITAJAÍ- SC.....	26
2.2.1 Aspecto Formal	26
2.2.2 Aspectos Funcionais	27
2.2.3 Aspectos Construtivos	28
2.3 VINTSET EXPERIMENTAL STORE EM VITÓRIA - ES	29
2.3.1 Aspecto Formal.....	29

2.3.2 Aspectos Funcionais	30
2.3.3 Aspectos Construtivos	31
3 OBRAS DE REFERÊNCIA	32
3.1 LAUNDRY DELUXE EM SÃO PAULO - SP.....	32
3.1.1 Aspecto Formal.....	32
3.1.2 Aspectos Funcionais	33
3.1.3 Aspectos Construtivos	34
3.2 SOLAR DO UNHÃO EM SALVADOR - BA	34
3.2.1 Aspecto Formal	35
3.2.2 Aspectos Funcionais	35
3.2.3 Aspectos Construtivos	35
3.3 PALÁCIO DAS TELECOMUNICAÇÕES PRESIDENTE ARTHUR COSTA E SILVA EM CURITIBA - PR	36
3.3.1 Aspecto Formal	36
3.3.2 Aspectos Funcionais	37
3.3.3 Aspectos Construtivos	37
4. APLICAÇÃO NO TEMA DELIMITADO: DIRETRIZES PROJETUAIS	39
4.1 A CIDADE DE CASCAVEL.....	39
4.2 O TERRENO	39
4.2.1 Análise do Entorno	40
4.2.2 Orientação Solar	41
4.2.3 Uso do Solo	41
4.2.4 Topografia	42
4.3 INTENÇÕES PROJETUAIS	43
4.4 PLANO DE MASSAS	44

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
7 ANEXOS	50
7.1 RELATÓRIO DE PLAGIO	51
7.2 PRANCHAS DE ANÁLISE DO ENTORNO E PLANO DE MASSAS	52

INTRODUÇÃO

O assunto do trabalho a ser desenvolvido será espaços colaborativos e integrados, com o tema espaços comerciais. A loja colaborativa é um conceito novo de negócio com princípios da economia colaborativa, que consiste no sistema de troca de serviços e mercadorias de diversas empresas, compartilhando as despesas fixas e o espaço físico.

O projeto consistirá na elaboração de uma loja colaborativa a ser implantada no centro de Cascavel – PR. A loja terá como foco microempreendedoras da cidade para expor produtos de segmento feminino e em anexo um espaço de convívio como uma cafeteria.

A proposta terá conceito modernista e regionalista, com materiais e tecnologias sustentáveis, porém, de custo acessível.

O espaço colaborativo ganha cada vez mais visão nos setores de varejo. Em momentos de crise econômica o novo modelo tornou-se atraente para micro e pequenos empreendedores, uma vez que o compartilhamento é o que norteia o novo conceito de negócio.

A proposta projetual de uma loja colaborativa em Cascavel – PR justifica-se pela possibilidade de compartilhar despesas fixas e o espaço físico. Atualmente os custos de aluguéis e encargos são cada vez mais altos, principalmente em locais físicos localizados nas regiões comerciais da cidade.

Outro aspecto justificável para a aplicação de conceitos arquitetônicos da obra é a questão social que a envolve, uma vez que atualmente exige-se grande investimento e capital de giro para novos empreendedores, além de toda a burocracia que envolve ter um negócio próprio.

Nesse sentido, estabeleceu-se como problema: Como a adoção de uma arquitetura sustentável e acessível pode colaborar na criação de uma loja colaborativa na cidade de Cascavel-PR?

Visando responder ao problema proposto, estipulou-se como objetivo geral: Elaborar o projeto arquitetônico de uma loja colaborativa, que parta de diretrizes para implantação de um empreendimento no setor comercial na cidade de Cascavel – PR. De modo específico este artigo busca: Apresentar os conceitos que envolvem espaços colaborativos e espaços integrados; abordar a questão econômica, apresentando um panorama econômico do setor comercial; apresentar obras correlatas; realizar estudos do terreno para a proposta; apresentar proposta projetual para uma loja colaborativa e concluir, em resposta ao problema, validando ou refutando a hipótese inicial de que a proposta projetual de uma loja colaborativa projetada em Cascavel-PR, irá proporcionar uma nova experiência de consumo e lazer, uma vez que

atualmente, na cidade o consumo colaborativo é online, e um espaço físico tornará essa experiência mais agradável tanto para o expositor quanto ao consumidor.

1 MARCO TEÓRICO

O presente trabalho tem como foco o desenvolvimento de um projeto arquitetônico para uma Loja Colaborativa para o município de Cascavel – PR, devido à falta de um empreendimento físico desse porte que atenda tanto o consumidor quanto ao empreendedor.

O trabalho será dividido em duas partes: primeiramente inicia-se a pesquisa, organização e elaboração de material que servirá de embasamento teórico para todos os aspectos que abrangem o assunto “Loja Colaborativa”. Tal pesquisa se fundamentará em analisar exemplos de economias criativas, consumo colaborativo, arquitetura corporativa e espaços compartilhados.

Para Da Silva *et. Al.* (2016) lojas colaborativas consistem no compartilhamento de espaço, despesas e utensílios através de local fixo, com compartimentos a serem alugados por empreendedores a fim de expor e comercializar seus produtos. Partindo desse princípio, este trabalho busca responder a seguinte pergunta: Como a adoção de uma arquitetura sustentável e acessível pode colaborar na criação de uma loja colaborativa na cidade de Cascavel-PR?

Segundo Santos (2013), os espaços compartilhados são uma proposta econômica e sustentável de se expor seus produtos, uma vez que os custos fixos de imóveis comerciais estão cada vez mais altos, além de que o compartilhamento do local torna a experiência de trabalho mais atrativa, produtiva e agradável.

Com base nestes dados em um segundo momento será dado início a elaboração projetual da Loja Colaborativa de Cascavel-Pr, aonde será buscado tecnologias e materiais sustentáveis e contemporâneos, com linguagem arquitetônica diferenciada para que o empreendimento se torne referência na região.

1.1 ECONOMIA CRIATIVA

“Criatividade não é inteligência. Criatividade envolve a capacidade de sintetizar. É uma questão de peneirar dados, percepções e materiais para criar algo novo e útil”. (Florida, 2002)

O conceito de economia criativa surgiu nos anos 2000, e vem ganhando cada vez mais espaço no meio empresarial, acadêmico e social. É o conjunto de segmentos dinâmicos que engloba valores econômicos e culturais, além de apresentar novas formas de trabalho, consumo e estilo de vida, e se sustenta na relação entre criatividade, símbolo e economia. (MACEDO, 2017)

Segundo Macedo (2017), a criatividade tornou-se um diferencial entre as empresas e economias mundiais, além de estar imune as grandes crises econômicas globais. Seus investimentos na capacitação e estímulo estão cada vez maiores.

Para Nussbaumer (2007), a economia criativa é um termo novo, e é considerado em diversos estudos como a Terceira Revolução Industrial, e, apesar de ser recente, é um ramo em bastante ascensão.

Ainda de acordo com Nussbaumer (2007), a modalidade abrange um amplo conjunto de atividades: moda, arquitetura, artesanato e indústrias culturais, além de indústrias de softwares e abrange cerca de 7% do PIB mundial, além de liderarem a economia em países desenvolvidos como Inglaterra e Estados Unidos

No que tange a relação com o mercado de trabalho e seus aspectos socioeconômicos, as ocupações criativas tendem a pagar os melhores salários, além de ter melhor qualidade para o trabalhador, atingindo altos níveis de satisfação. Sabe-se também, que as iniciativas desse porte promovem a inclusão social e a reduzir a disparidade de gênero, uma vez que mulheres tendem a trabalhar na produção de artesanato, modas, e nas áreas criativas (OLIVEIRA, 2013).

1.2 CONSUMO COLABORATIVO

O consumo colaborativo, oriundo da economia criativa consiste numa nova forma de negócio: consumidores passam a pagar para ter acesso a produtos ou serviços temporariamente, ao invés de adquiri-los.

Botsman e Rogers (2011) caracterizam o consumo colaborativo como um nome novo, porém uma prática bastante comum, como a troca, compartilhamento, locação ou doação.

A economia colaborativa parte de três pontos centrais: social, econômico e tecnológico.

- 1- Pode-se destacar como fator social o aumento da população mundial e a necessidade de se reduzir o consumo excessivo tornando o mundo um local mais sustentável. Além desse fator, o consumo colaborativo torna-se uma excelente oportunidade de conhecer pessoas com gostos e costumes próximos, aumentando o convívio em comunidade, algo que vem se perdendo nas gerações atuais.
- 2- O fator econômico: necessita-se recursos financeiros cada vez mais altos para se obter bens que serão pouco usados. No consumo colaborativo, paga-se para obter determinado serviço e usá-lo pelo tempo necessário, saindo da obrigatoriedade de se comprar um bem material e ter os gastos com a manutenção do mesmo.
- 3- O fator tecnológico é

bastante observado com o uso das redes sociais e da facilidade na contratação de produtos e serviços através de plataformas digitais que possibilitem o contato através de mensagens instantâneas, transações financeiras online e envio de imagens. (BOTSMAN E ROGERS, 2011)

A prática está presente em diversos ramos, alguns exemplos são as redes de compartilhamento de quartos ou apartamentos, compartilhamento de carros, filmes ou seriados através de plataformas de streaming e até espaços físicos como os espaços coworkings e lojas colaborativas. (BOTSMAN E ROGERS, 2011)

Diversas são as motivações para que as pessoas passem a aderir ao consumo colaborativo. O fator financeiro é um dos principais motivos, pois os preços para se adquirir os bens ou serviços são mais acessíveis. Além disso, a curiosidade em se conhecer esse novo conceito, e a possibilidade de conhecer novas pessoas traz cada vez mais adeptos. (SCHOR, 2014).

Apesar de muitas pessoas acharem o novo modelo de negócio interessante, ainda são poucos os adeptos da economia compartilhada, uma vez que o status pela aquisição e o apego são as maiores dificuldades enfrentadas para que as pessoas passem a aderir a nova modalidade, e apesar das plataformas online e das ferramentas tecnológicas, ainda é necessária a adaptação e confiança dos consumidores. (BELK, 2014).

O conceito, mesmo que ainda recente e tímido, já ganhou vários adeptos e já existem muitas empresas dentro do setor, o que mostra que o consumo colaborativo tem grande potencial, tanto para os consumidores, quanto aos empreendedores. (SCHOR, 2014).

1.3 ARQUITETURA CORPORATIVA

A arquitetura Corporativa é a área da arquitetura que estuda, analisa e posteriormente projeta ambientes para empresas nos mais diversos segmentos, com o intuito de realizar espaços personalizados para as edificações de trabalho. Estes trabalhos vão além do fator estético: tais métodos tem como fundamento apresentar um ambiente de trabalho funcional e de acordo com a rotina de seus usuários. (BENCKE, 2015)

Atualmente, a sociedade contemporânea, devido ao contexto socioeconômico, está constantemente ligada à tecnologia, o que faz com que tudo aconteça de maneira mais acelerada, interferindo no comportamento humano e na maneira como este trabalha. Para Bosa (2017), as pessoas desenvolvem várias atividades durante o dia, e passam horas

conectadas elementos eletrônicos, o que torna as ações de trabalho monótonas, e contraria os conceitos de bem-estar, causando uma série de problemas, como estresse e fadiga.

A arquitetura corporativa ganha novo sentido se for analisada em conjunto com os problemas da sociedade contemporânea: as mudanças na forma de se trabalhar e alterações nas leis trabalhistas fazem com que a arquitetura corporativa ganhe cada vez mais espaço no mercado da construção civil, uma vez que as empresas tem buscado ambientes mais agradáveis como forma de alavancar a produtividade de seus funcionários. (PIQUETTI, 2012).

Ao se projetar espaços corporativos que visem à qualidade de vida exige tratamento individual, uma vez que cada empresa tem sua atividade e rotina e o espaço deve ser personalizado para quem vá utiliza-lo, e isto demanda tempo, planejamento e investimento, porém, é possível observar retornos positivos com a pratica, como a baixa rotatividade de funcionários, retenção de talentos, melhoria na saúde dos colaboradores, melhorias no clima organizacional e elevação de resultados. (BOSA, 2017).

Figura 01: Consultorio médico. Arquiteta Heloisa Dabus



Fonte: Dabus, 2010.

Figura 02: Oficina Mecanica Wilson Auto Center. Urbanus Arquitetos Associados



Fonte: Urbanus, 2012.

É possível observar que o espaço físico tem forte influência sobre as sensações humanas, e a arquitetura corporativa pode vir a ser um dos recursos mais viáveis dentro de empresas, para que a produtividade e o desempenho dos funcionários se eleve, levando em consideração a qualidade de vida e o bem-estar dos colaboradores. (BOSA, 2017)

1.3.1 Espaços Compartilhados

Até pouco tempo atrás, os espaços de trabalho eram vistos como ambientes técnicos, não como um local aonde as pessoas vivenciam e participam de varias atividades cotidianas, interagindo com o meio. As organizações desses espaços não condiziam com as reais necessidades do colaborador e do consumidor. (SILVA, 1999)

Figura 03: Fabrica de munições em Londres.



Fonte: Fugita, 2015.

Após o inicio do século XX, quando as organizações passaram a crescer e o homem moderno a ter novas necessidades, além do inicio da produção em massa, novos conceitos de espaços de trabalho passaram a surgir, valorizando o individuo. (USTÁRROZ, 2008)

Para Andrade, (2007), o espaço de trabalho passou por modificações, passando a ser aberto e integrado. A comunicação e o contato visual foram valorizados, garantindo, assim, melhor produtividade e melhores resultados. Além disso, o uso de objetos e elementos arquitetônicos tornaram o lugar mais humano e pessoal.

Ainda de acordo com Andrade (2007), apenas na década de 1950 que iniciou-se a preocupação com produção e entrega de produto. Para isso, além dos espaços físicos, o mobiliário precisava atender as novas demandas e passou a ser flexível e dinâmico.

Para o autor, a partir desse período que surge o conceito de espaços compartilhados de trabalho, porém, a motivação vai muito além do bem estar físico e emocional do trabalhador: o que impulsionou o novo conceito foram os altos investimentos que o formato antigo demandava. (ANDRADE, 2007)

Atualmente, devido ao altos custos de imóveis, os espaços compartilhados continuam com força, mas, dessa vez, o formato se altera: ao invés de uma empresa com vários colaboradores compartilhando o espaço surgem vários empreendedores e profissionais de diferentes áreas compartilhando o local físico, despesas fixas e experiências.

Figura 04: Espaço colaborativo do Banzai Coworking. Arquiteta Valéria Zanboni



Fonte: Banzai, 2016.

Para Cashman (2000), os ambientes profissionais compartilhados permitem estar ao lado de outros profissionais, tendo disponíveis todos os recursos e infra-estrutura necessária para a rotina de trabalho a custos reduzidos e compartilhados entre os usuários. Além disso, a coletividade e a troca de experiências tornam o trabalho mais agradável e produtivo.

Os modelos atuais de espaços de trabalho compartilhados variam de acordo com o segmento, mas busca-se espaços físicos diversificados com diversos tipos de ambientes, como sala de reuniões, salão de eventos, salas individuais, salas coletivas, áreas de descanso, café entre outros. A localização desses lugares é fundamental para o sucesso da atividade, sendo de fácil acesso ao público alvo, dando ênfase sempre nos conceitos de consumo colaborativo e sustentável. (LOPES, 2009).

Para Santos (2013), a procura por essas novas formas de trabalho, em paralelo com uma nova cultura e linguagem vem criando novas comunidades. Para o autor, esses espaços

diferenciados favorecem a criatividade e a elaboração de ideias e produtos, formando assim, uma nova cultura que substitui práticas consumistas por sustentáveis.

Os ambientes compartilhados atuais são comumente edifícios de menor porte, descentralizados, ecologicamente corretos, com espaços integrados e híbridos, que valorizem a qualidade de vida de seus usuários. A busca pela agilidade e sustentabilidade é um dos principais desafios da arquitetura corporativa para propor espaços de trabalho compartilhados. O ramo ampliou suas funções, e tornou-se fundamental, pois, agregando conceitos e valores arquitetônicos diferenciados influenciam diretamente na lucratividade das empresas. (SANTOS, 2013)

Para Lopes (2009), este é um segmento em expansão e tem atingido resultados positivos tanto quando os usuários buscam redução de custos quanto em fase de crescimento econômico que necessite de expansão dos negócios.

1.3.2 Loja Colaborativa

Desde a crise econômica mundial de 2008, surgem novas formas mais econômicas, colaborativas e sustentáveis de consumo. Esses novos meios vem estimulando tanto consumidores quanto empreendedores, com novas formas de agir, consumir, trabalhar e empreender, e, mesmo antes da crise econômica brasileira de 2014, o mercado nacional acompanha o movimento colaborativo. (MACEDO 2017)

Vem sendo cada vez mais comum observar em matérias dos veículos de comunicação a respeito de grupos de trocas, espaços cowokings e lojas colaborativas, além de outras ideias de ocupar os mais diversos espaços de maneira criativa. (MACEDO, 2017)

Figura 05: Endossa/Loja Colaborativa



Fonte: Almeida, 2017.

Para Macedo (2017) as lojas colaborativas apareceram no setor de consumo colaborativo oferecendo espaços aos pequenos empreendedores, que, devido as dificuldades financeiras e burocráticas, estão sempre às margens do mercado varejista.

Para Sebrae (2016), as lojas colaborativas permitem que designers, artesãos e artistas aluguem boxes/prateleiras/araras em espaços físicos compartilhados para promoverem e comercializarem seus produtos, sem que para isso seja necessário um grande investimento financeiro, pois as despesas são compartilhadas entre os empreendedores. Outro ponto atrativo do modelo de negócio é, além do compartilhamento das despesas, é o compartilhamento físico, que permite que se conheça pessoas e ideias e todas as vantagens que os espaços coletivos oferecem.

1.3 REGIONALISMO MODERNISTA BRASILEIRO

O estilo modernista teve início na década de 20 e possui obras de grande destaque como a Villa Savoye de Le Corbusier e a Fábrica Fagus de Walter Gropius, além de todo o movimento dos CIAMs e da Bauhaus. Esse movimento de vanguarda trouxe o que jamais havia sido visto, e, além da função de abrigar, o movimento trouxe um manifesto, uma nova forma de pensar e falar sobre arquitetura. (BARDI, 2009).

Essa nova forma de se fazer e pensar arquitetura tomou grandes proporções não somente na Europa e nos Estados Unidos, e com isso, em pouco tempo, o Brasil, que passava por uma crise de identidade, tornou-se adepto ao movimento. Por isso, em 1922 deu início a Semana de Arte Moderna, movimento que marcou a arte e a arquitetura e iniciou um novo período cultural no país. A vontade dos intelectuais brasileiros era de romper com o passado europeu, porém cultivar as tradições históricas oriundas das raízes coloniais brasileiras, e, em pouco tempo, já circulavam artigos a respeito da arquitetura nacional nos países da Europa. (MARQUARDT, 2005).

A arquitetura moderna no Brasil se apropriou de diversas vertentes do estilo moderno, dentre elas o regionalismo, visto que o país possui grande extensão territorial o que acarreta em diferentes climas, culturas e costumes. Segundo Kenneth Frampton (1989) o regionalismo se refere a uma linha de pensamento da arquitetura moderna que busca uma arquitetura essencialmente pura, utilizando os elementos culturais, econômicos e políticos de cada região,

buscando independência. Vai contra a construção em massa e ao funcionalismo pregado por alguns arquitetos modernos e se opõem a padronização, dando valor à identidade local.

Desde os primeiros anos é possível observar obras com estilos regionalistas. Até mesmo os prédios públicos de Brasília (considerada como a utopia modernista) apresenta características bem brasileiras, que remetem a construções coloniais da região central do país. (FAVILLA, 2003)

Ao longo do modernismo os debates e a busca pelo regionalismo não foi homogênea, porém foi constante, e a partir da década de 80 questões como adequação e compatibilidade entre o tradicional e moderno e a observação das diversas culturas e regiões ganha força. (FAVILLA, 2003)

1.3.1 A arquitetura Regionalista de Lina Bo Bardi

Achilina di Enrico Bo, mais conhecida como Lina Bo, nasceu em 1914 na cidade de Roma. Aprendeu a desenhar com seu pai e, ao invés de seguir o padrão feminino de ir para a escola de Belas-Artes, ela escolheu o então masculino curso de Arquitetura da Universidade de Roma. Lina adquiriu grande conhecimento em restauros e com design de móveis e louças, além de trabalhar como escritora em revistas de arquitetura e decoração. Casou-se com Pietro Maria Bardi, e então passou a usar o tão icônico nome: Lina Bo Bardi. (BARDI, 2009).

Durante a Segunda Guerra Mundial, Lina e Pietro se refugiaram no Brasil e se depararam com uma arquitetura moderna diferente da que conheciam, essa arquitetura resgatava a cultura do povo que ali vivia. Lina encantou-se com a vida urbana do país e desejava permanecer ali. A arquiteta se encantou com a arquitetura colonial brasileira, sendo possível observar os resquícios da era colonial em suas obras modernas. Além disso, ela reconhecia que o Brasil possui grande extensão territorial e com isso varias regiões e culturas e, ao projetar, respeitava a particularidade de cada local, seja na escolha de materiais ou não de obra, seja no respeito ao que já havia existido ao fazer uma obra nova. (BARDI, 2009).

Ao analisar as obras da arquiteta, é notável o regionalismo empregado. É como se Lina perguntasse o quê da cultura poderia ser usado naquele determinado projeto, naquela escala e qual a solução encontrada para resolvê-lo. Porém, ficam implícitas quais as maneiras de relacionar a cultura popular e como articular os aspectos de funcionamento do projeto. (RUBINO, 2002)

Lina transita por experiências com a plasticidade do projeto de forma diferenciada dos demais arquitetos modernistas, ocorrendo pelos procedimentos adotados por ela. A arquiteta atuava diretamente no canteiro de obras, usando tecnologias novas e toda a experiência dos pedreiros e mestres de obra. Ela se preocupava e reconhecia que o povo local possuía conhecimento de determinados materiais que ela conhecia superficialmente. (RUBINO, 2002)

O modo de Lina lidar com diferentes materiais é análogo à cultura da italiana. Trata-se de uma cultura bastante artesanal e com elevado grau de anuidade ao saber técnico. A arquiteta incorpora essas referências em seus projetos moderno-brasileiros. Assim, seus procedimentos de uso, fusão e justaposição de materiais vai de encontro a cultura brasileira por seu modo de incorporar as referências locais às externas e de usar ao mesmo tempo sistemas e sentidos da tradição com nossos materiais e tecnologias disponíveis. É possível pensar que os procedimentos de Lina são uma crítica ao quadro da arquitetura brasileira, que ainda seguia os preceitos da vanguarda. (RUBINO, 2002)

1.3.2 Arquitetura Paranaense

O primeiro curso de Arquitetura e Urbanismo no Paraná iniciou sua primeira turma em 1962, o auge da arquitetura moderna brasileira. Fazia parte dessa turma grandes nomes da arquitetura como Jaime Lerner, Gustavo Gama Monteiro e Domingos Bongestabs, todos residentes de Curitiba, alguns já formados em Engenharia Civil. Para essa primeira turma, os professores integrantes do corpo docente eram em sua grande maioria paulistas. Vale lembrar que na década de 60 o brutalismo paulista estava em seu apogeu, o que certamente influenciou essa nova fase da arquitetura paranaense, uma vez que Curitiba cultivava ainda as influências ecléticas, algo que é possível observar em vários edifícios da icônica rua XV de Novembro. (PACHECO, 2010)

Nos edifícios da escola paulista brutalista, observa-se o uso do concreto bruto, com textura lenhosa que empregava rusticidade à obra. Porém, em Curitiba, foi observado a flexibilidade e plasticidade do concreto, o que tornava possível composições artístico-decorativas elaboradas em baixo relevo. A arquitetura paranaense pretendia, por tanto explorar as possibilidades plásticas desse material, suavizando sua rispidez e tornando o ato como uma característica regional, sendo possível observar tais técnicas em diversas obras realizadas nas décadas de 60 e 70. (CASTRO, 2013)

Figura 06: Fachada em concreto bruto Teatro Guaíra-PR



Fonte: Castro, 2013.

Esta expressão artística inusitada traz identidade própria aos edifícios criados no Paraná, que resgata a tradição do ornamento nas superfícies arquitetônicas, algo que era amplamente repudiado na arquitetura moderna, aproximando a arquitetura de movimentos artísticos importantes, como o neo-concretismo. Essa integração artística nas superfícies arquitetônicas reforçou o elo tão ansiado entre arquitetura e arte. (CASTRO, 2013)

2 CORRELATOS

Obras correlatas significam obras que existam relação entre si: seja o tema da obra, o conceito ou temática. De alguma maneira ela se correlaciona com outras. Para iniciar um projeto, de qualquer natureza que seja, é de suma importância na fase de estudo fazer a análise de correlatos, pois assim, é possível visualizar obras com a mesma temática de diferentes maneiras.

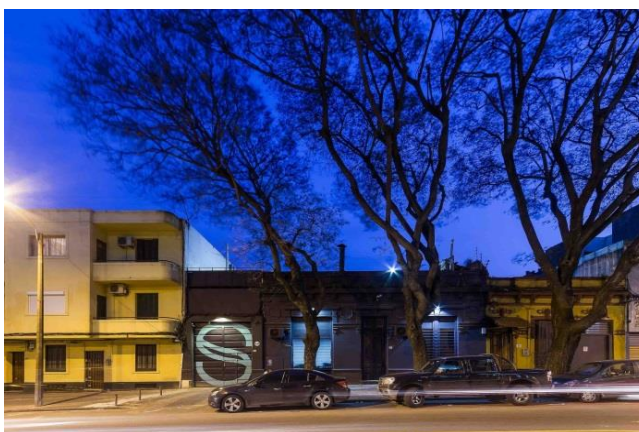
2.1 SINERGIA COWORKING PALERMO DE MONTEVIDEO-URUGUAI

Sinergia Coworking Palermo é um espaço coworking localizado em Montevideo-Uruguay e surgiu como um projeto de desenvolvimento imobiliário com escritórios privados e salas de reuniões para aluguel, e, posteriormente foi alterado para coworking. Obra dos arquitetos uruguaios Emilio Magnone e Marcos Guipone, o espaço de 1400.0 m² abrigava no passado uma marcenaria e oficina mecânica. (DELAQUA, 2017)

2.1.2 Aspecto Formal

Sua volumetria é simples e foi reaproveitada pelo antigo uso da edificação. Trata-se de uma construção geminada, sem recuos nas laterais, não sendo possível observar a primeira vista a grandiosidade do empreendimento, porém, a topografia do terreno foi bem explorada para que a obra abrigasse todo o seu programa de necessidades. (DELAQUA, 2017)

Figura 07: Fachada Sinergia Coworking Pallermo

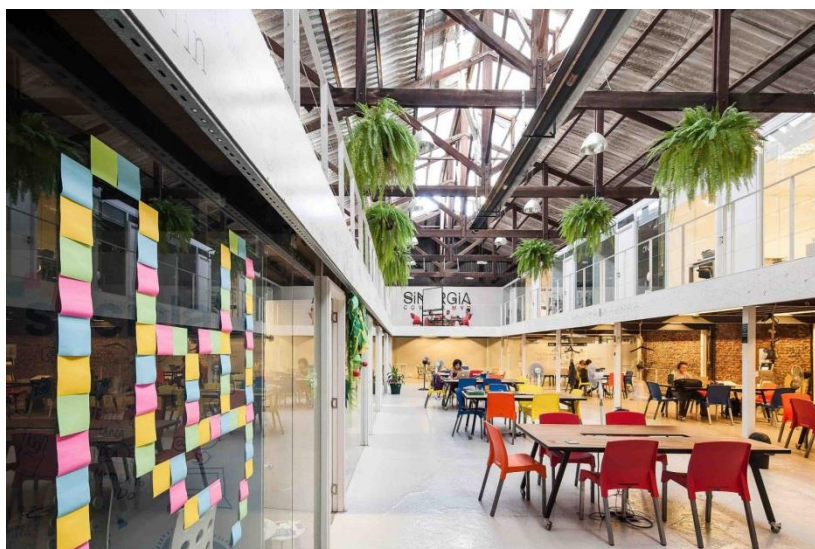


Fonte: Delaqua, 2017.

2.1.3 Aspectos Funcionais

A edificação possui dois pavimentos e um mezanino, explorando a proposta de open space por se tratar de um espaço colaborativo. (DELAQUA, 2017)

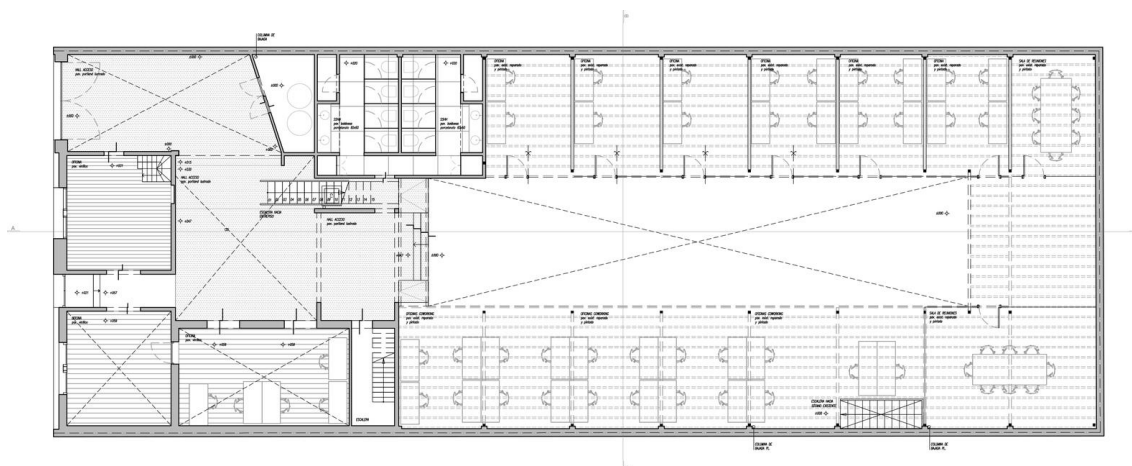
Figura 08: Interior Sinergia Coworking Pallermo



Fonte: Delaqua, 2017.

O térreo é composto por um átrio central que abriga estações de trabalho e salas para reuniões, além de possuir sanitários e uma área de convívio. (DELAQUA, 2017)

Figura 09: Planta Baixa Térreo

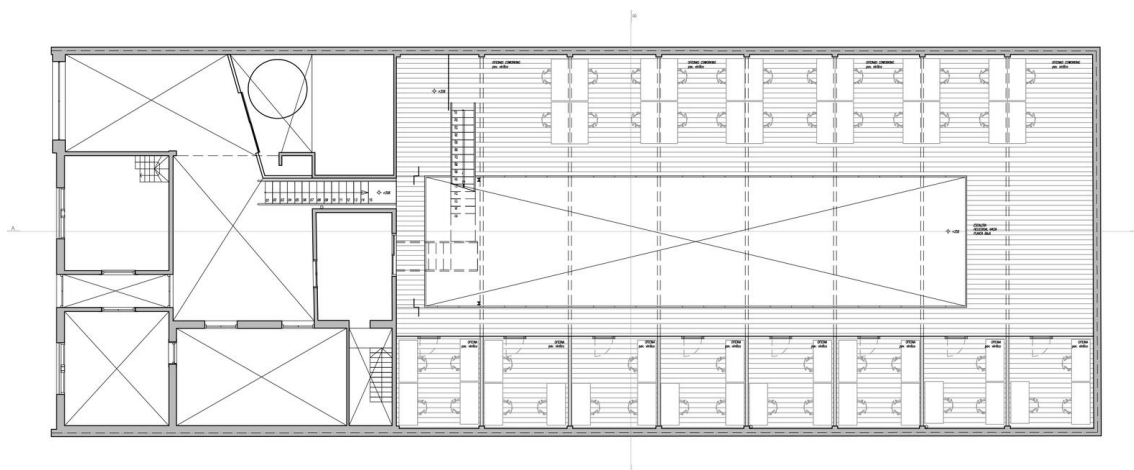


Fonte: Delaqua, 2017.

O segundo pavimento abriga escritórios menores privativos, porém com portas de vidro para possível integração que possuem temáticas e decorações diferenciadas e abriga

também uma oficina de impressão 3D. Pelo segundo pavimento é possível acessar o mezanino. (DELAQUA, 2017)

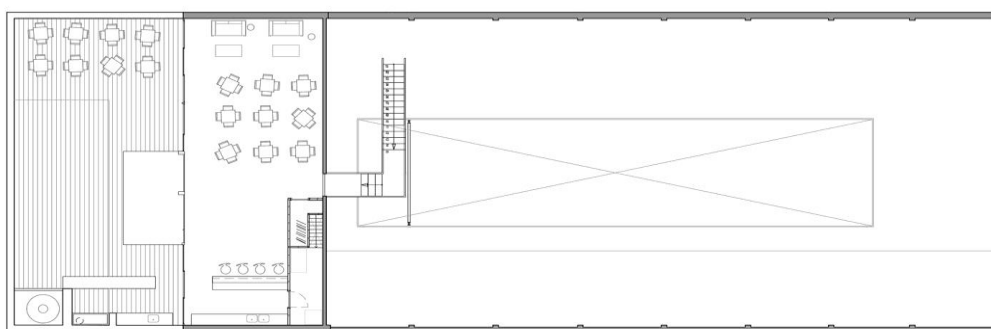
Figura 10: Planta Baixa Segundo Pavimento



Fonte: Delaqua, 2017

O mezanino abriga um salão de eventos equipado com cozinha gourmet e possui também uma área externa com deck de madeira. O espaço é alugado para eventos e convenções. (DELAQUA, 2017)

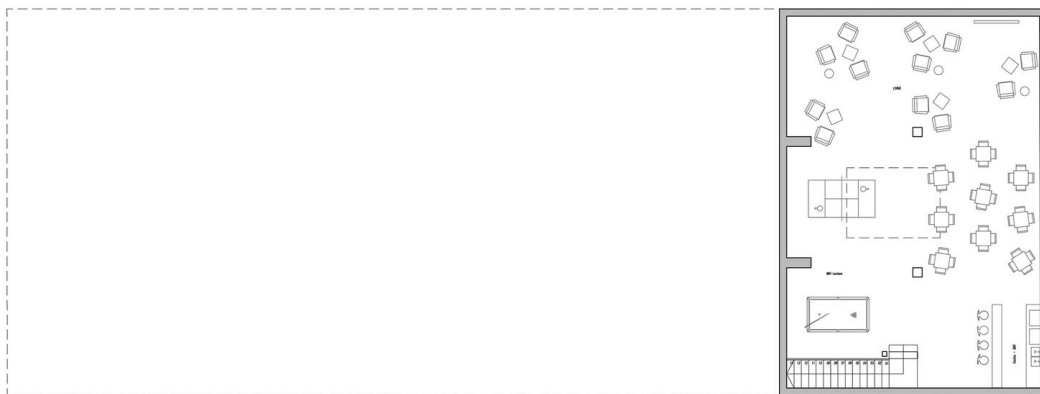
Figura 11: Planta Baixa Mezanino



Fonte: Delaqua, 2017

A edificação conta também com um porão existente, e atualmente abriga as áreas de convívio, salas de jogos, de descanso e cozinha. (DELAQUA, 2017)

Figura 12: Planta Baixa Porão

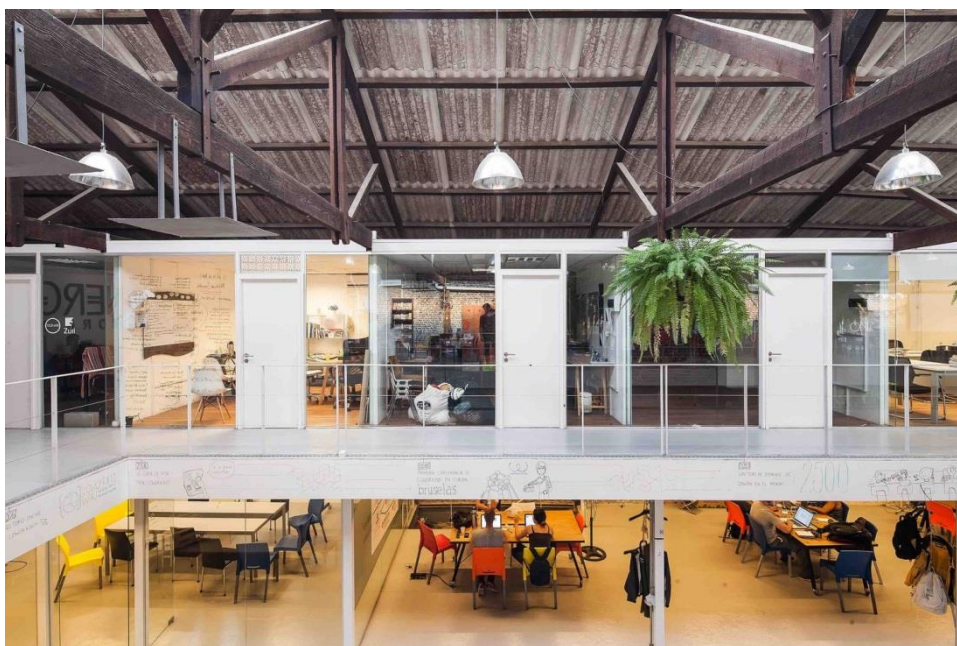


Fonte: Delaqua, 2017

2.1.3 Aspectos Construtivos

A proposta era manter a estética existente no prédio, por isso, foi utilizado estruturas leves e removíveis de vigas metálicas e painéis estruturais. A cobertura é aparente com tesouras, terças e caibros em madeira mostrando toda a sua estrutura ao visitante. (DELAQUA, 2017)

Figura 13: Térreo e Mezanino



Fonte: Delaqua, 2017

A paleta de tons neutros é composta pelas cores branca e cinza e o verde das vegetações. O revestimento em tijolo nas paredes é existente e foi apenas restaurado. (DELAQUA, 2017)

2.2 CONTAINER COWORKING EM ITAJAÍ-SC

Localizado em Itajaí, Santa Catarina, tem em seu conceito questões relacionadas a sustentabilidade, criatividade, natureza e arte, através de uma construção industrial e modular. (KIRCK, 2016)

Figura 14: Fachada Container Coworking

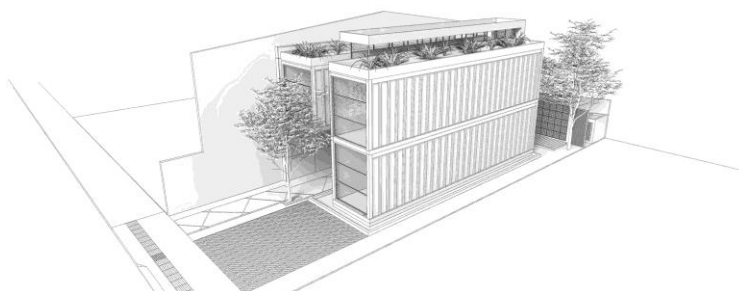


Fonte: Kirck 2016

2.2.1 Aspecto Formal

A edificação possui dois volumes entrepostos feitos por containers, sobreposição feita através de abertura zenital para abrigar as circulações verticais de um pavimento ao outro e também para reduzir a iluminação artificial. Em cima desses containers foi proposto uma laje jardim, com a intenção de reduzir a radiação solar, captar água da chuva para reuso e ser um reservatório das águas pluviais. (KIRCK, 2016)

Figura 15: Volumetria Container Coworking



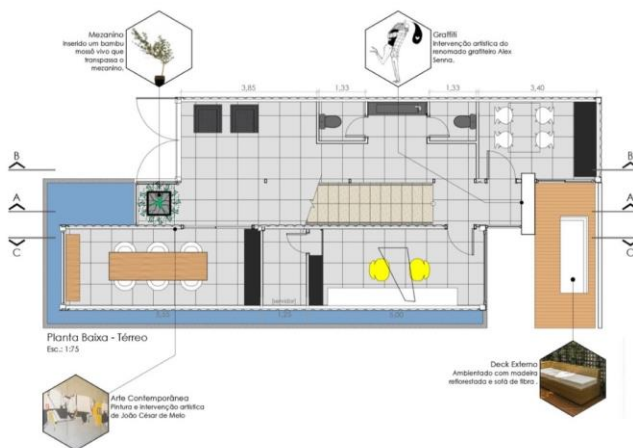
Fonte: KIRCK, 2016.

2.2.2 Aspectos Funcionais

O open space, tão frequente em espaços colaborativos se faz presente também nessa obra de dois pavimentos. (KIRCK, 2016)

O térreo abriga um hall de entrada, uma pequena sala de reuniões, sanitários, copa/cozinha e um deck externo para momentos de convívio. (KIRCK, 2016)

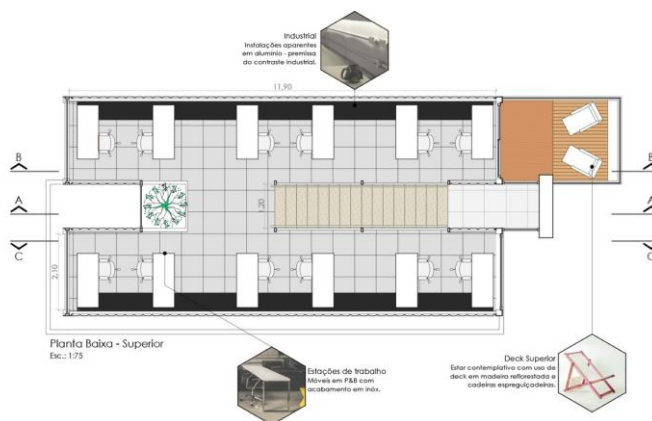
Figura 16: Planta Baixa Térreo



Fonte: KIRCK, 2016.

No segundo pavimento estão localizadas as estações de trabalho, que, em escala reduzida e aconchegante, proporciona a integração do ambiente. O pavimento superior também conta com um deck externo. (KIRCK, 2016)

Figura 17: Planta Baixa Segundo Pavimento



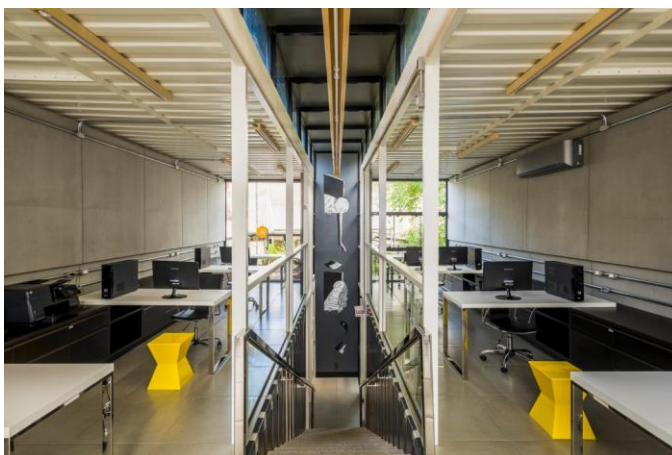
Fonte: KIRCK, 2016.

O espaço pequeno recebe poucas pessoas para que não seja um ambiente com grandes distrações, porém explora os conceitos de espaços compartilhados, algo que gera criatividade e bem estar aos usuários. (KIRCK, 2016)

2.2.3 Aspectos Construtivos

Cheia de conceitos, a construção em container remete a região portuária a que esta inserida. (KIRCK, 2016)

Figura 18: Interior Container Coworking



Fonte: KIRCK, 2016,

As paredes internas são revestidas com placas de concreto para otimizar o conforto térmico, que fica comprometido com o container. Além disso, a superfície lisa permite que sejam inseridos grafites, algo intimamente relacionado a um empreendimento que tem como foco artistas e designs. (KIRCK, 2016)

2.3 VINTSET EXPERIMENTAL STORE

A loja, localizada em Vitoria-ES, surgiu com o intuito de reunir designers, estilistas e produtores de diversos segmentos em um só local para expor seus produtos e serviços. (ANGATU, 2017)

Com o conceito misto, até mesmo ao nome da loja, o arquiteto buscou elementos vintage (vint) com alusão aos sets de filmagens de filmes (set). (ANGATU, 2017)

2.3.1 Aspecto Formal

A sala comercial que abriga a Vintset Experimental Store já existia, por isso sua forma é simples, porém, a entrada da loja foi recuada, com o intuito de deixar a frente um espaço de convívio. (ANGATU, 2017)

Figura 19: Fachada VintSet Experimental Store



Fonte: Angatu 2017.

2.3.2 Aspecto Funcional

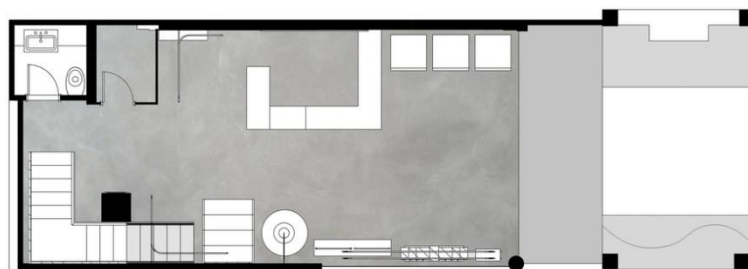
O espaço bastante integrado, permite que o próprio mobiliário faça a setorização de ambientes, como é possível observar que em um lado encontra-se expositores, e de outro funciona um bar. A sala conta ainda com mezanino privativo para as funções administrativas. (ANGATU, 2017)

Figura 20: Interior VintSet Experimental Store



Fonte: ANGATU, 2017.

Figura 21: Planta Baixa VintSet Experimental Store



Fonte: ANGATU, 2017.

O recuo frontal com paisagismo diferenciado ainda permite que o empreendimento seja palco de eventos culturais, como shows e teatros. (ANGATU, 2017)

2.3.3 Aspecto Construtivo

A loja foi construída em alvenaria convencional, porém, a falta de acabamento diferencia a obra, reforçando o conceito de set de filmagem proposto pelo escritório.

Os materiais seguem o estilo industrial: concreto, madeira e ferro são amplamente utilizados tanto em revestimentos quanto nos expositores, tornando o empreendimento descontraído, aconchegante e limpo, sem tirar o destaque dos produtos expostos. (ANGATU, 2017)

3 OBRAS DE REFERÊNCIA

Obras de referência são obras que, apesar das diferentes temáticas servem como inspiração para outra. Nos primeiros estudos antes de iniciar um projeto, as obras de referência funcionam como um norteador, para que o projeto seja feito com referências em determinada temática, conceito ou técnica construtiva. Tal análise só tem a agregar valores na concepção projetual.

3.1 LAUNDRY DELUXE – SÃO PAULO

A Laundry Deluxe, localizada em São Paulo é um espaço multiuso que tem como atividade principal a lavanderia *self-service*, porém, na mesma edificação funciona um coworking, bar, restaurante, sebo, brechó e uma barbearia, tudo isso acontecendo simultaneamente. (SODRÉ, 2018)

3.1.1 Aspecto Formal

Trata-se de um sobrado de dois pavimentos, com forma simples e cubica, sem grandes volumes na fachada e nas laterais. O terreno possui um desnível visível e é possível visualizar que ele foi resolvido através de um pequeno aterro para que no interior não houvesse diferenças de nível para reforçar a ideia de integração. (SODRÉ, 2018)

Figura 22: Fachada Laundry Deluxe



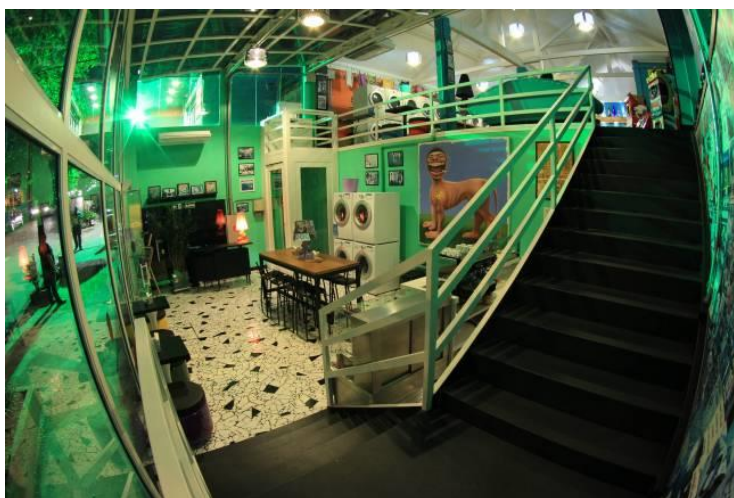
Fonte: Sodré, 2018.

3.1.2 Aspectos Funcionais

A integração é o conceito dessa obra, é possível observa-lo nos diversos ambientes do empreendimento. (SODRÉ, 2018)

O primeiro pavimento de pé direito duplo é menor que o segundo, e abriga uma cafeteria que é voltada para a rua e o sebo e a barbearia. (SODRÉ, 2018)

Figura 23: Interior Primeiro Pavimento



Fonte: Sodré, 2018.

O segundo pavimento pode ser acessado tanto pela escada em L quanto pelo elevador acessível, e o local da espaço a um conjunto com 12 conjuntos de lavadoras e secadoras com uma bancada a frente equipada com tomadas e 20 bancos, aonde funciona o espaço coworking. No local possui também uma cabine de DJ e caixas de som.

Figura 24: Interior Segundo Pavimento



Fonte: Sodré, 2018.

Há também um ambiente externo, que abriga as instalações sanitárias e mesas de frente para a cozinha envidraçada e, subindo uma rampa existe um loung com sofás e ombrelones. (SODRÉ, 2018)

Figura 25: Área Externa.



Fonte: Sodré, 2018.

3.1.3 Aspectos Construtivos

A fachada é feita de vidro e ferro, assim como as escadas e guarda-corpos internos. Os ambientes conta com paredes de tijolo aparente pintadas em tons vibrantes e também alguns grafites. (SODRÉ, 2018)

O piso é composto por retalhos cerâmicos e os móveis - em sua grande maioria feitos com materiais reciclados – compõem os ambientes de maneira original e harmoniosa. (SODRÉ, 2018)

3.2 SOLAR DO UNHÃO EM SALVADOR-BA

Localizada em Salvador-BA, o Solar do Unhão é uma obra da era colonial, e posteriormente, passou por um restauro executado pela arquiteta Lina Bo Bardi, que deu um novo uso ao local. O local passou a brigar o Museu de Arte Popular e o Museu de Arte Moderna. (FRACALOSS, 2015)

Tal obra é talvez o maior exemplo do cuidado com o regionalismo tão conhecido de Lina. (FRACALOSS, 2015)

3.2.1 Aspecto Formal

A edificação existente localizada nas margens da Baía de Todos os Santos possui a típica forma da arquitetura colonial. Sobrado de alvenaria de pedra, sem grandes volumes, adornos nas aberturas dispostas de maneira rítmica e coberta por telhado de telhas com 4 águas. A arquiteta não fez grandes intervenções, pois o prédio representa a identidade da população que vive ali. (FRACALLOSSI, 2015).

Figura 26: Fachada Solar do Unhão



Fonte: Fracalossi, 2015.

3.2.2 Aspecto Funcional

Por se tratar de um museu, o espaço amplo e integrado permanece ao longo dos 3 pavimentos, para que o layout de cada exposição seja flexível, com exceção dos sanitários e salas administrativas que necessitam de espaço fixo e privado. Para ligar os 3 pavimentos, Lina projetou a tão admirada escada, elemento que por si só já tem grande apelo artístico, porém não se sobressai sobre as obras expostas. (FRACALLOSSI, 2015).

3.2.3 Aspecto Construtivo

A obra se mantém com os mesmos materiais utilizados no período colonial, que eram alvenaria em pedra e telhas de barro e ornamentos em cantaria. (FRACALLOSSI, 2015).

A escada, que foi inserida durante o restauro é o grande exemplar da articulação de materiais e técnicas. (RUBINO, 2002). Feita com madeira de Ipê Amarelo em formato de

caracol, possui um pilar roliço e degraus que se encaixam no mesmo através de nichos de 5cm de profundidade no pilar. (FRACALOSSI, 2015).

Figura 27: Escada Solar do Unhão



Fonte: Fracalossi, 2015.

Tal feito só foi possível através da experiência dos mestres de obra baianos que conheciam amplamente o material utilizado e suas mais diferenciadas técnicas. (RUBINO, 2002).

3.3 PALÁCIO DAS TELECOMUNICAÇÕES PRESIDENTE ARTHUR COSTA E SILVA EM CURITIBA-PR

O Palácio das Telecomunicações, localizado em Curitiba-Paraná obrigava a antiga Telepar, e atualmente pertence à empresa de telecomunicações OI. O prédio possui 91,98 metros de altura e sua silhueta imponente é um marco na capital paranaense. (CASTRO, 2013)

3.1 Aspectos Formais

O prédio foi inaugurado em 1970, época em que o modernismo liderava no campo da construção civil. É possível observar na obra alguns dos pilares da arquitetura moderna:

janelas em fita, brises soleils e fachada livre. Possui dois blocos: o bloco destinado às atividades corporativas, e em anexo, o bloco das circulações verticais, proporcionando assim um jogo de volumes. (CASTRO, 2013)

3.3 Aspectos Funcionais

O prédio segue alguns preceitos da arquitetura moderna porém por ser um edifício corporativo alguns pavimentos não tiveram integração. Fica claro que a obra segue um eixo reto horizontal, a partir das circulações verticais, e ali ele se ramifica. (CASTRO, 2013)

Figura 28: Fachada Palácio das Telecomunicações



Fonte: Castro, 2013.

3.4 Aspectos Construtivos

O modernismo da obra fica claro ao observá-la, é possível detectar o uso do concreto armado, da fachada livre e dos brises. O que difere essa obra do brutalismo paulista são os ornamentos em sua fachada. (CASTRO, 2013)

Figura 29: Muro com Detalhes do Brutalismo Paranaense



Fonte: Castro, 2013.

Com o uso do concreto bruto foi possível moldar a fachada com desenhos geométricos em baixo relevo, numa tentativa de minimizar a rusticidade do material e também de dar identidade à obra e ao local em que ela esta inserida. (CASTRO, 2013)

4 APLICAÇÃO NO TEMA DELIMITADO: DIRETRIZES PROJETOAIS

4.1 A CIDADE DE CASCAVEL

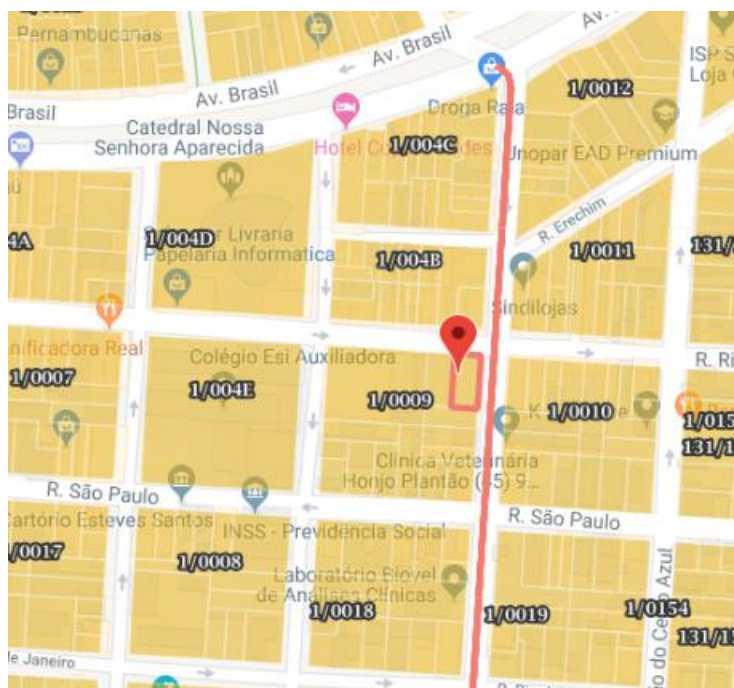
Segundo o Portal do Município (2018) Cascavel é uma promissora cidade de 300 mil habitantes. Consolidou-se na posição de polo econômico regional e se destacou no campo universitário: a cidade possui mais 20 mil estudantes universitários matriculados em suas 7 instituições de ensino. A cidade destaca-se também na medicina e possui grande infraestrutura industrial, comercial e no agronegócio.. (PORTAL DO MUNICÍPIO, 2018)

4.2 O TERRENO

A proposta da LOJA COLABORATIVA EM CASCAVEL-PR tem como elemento norteador a escolha do terreno para a implantação do empreendimento. A localização do terreno foi a base para a escolha: está localizado na área central da cidade, possui estacionamentos em seu entorno e é atendida pelo transporte público municipal.

O terreno fica a 300 metros da Catedral Nossa Senhora Aparecida e é de fácil localização tanto para motoristas quanto para pedestres.

Figura 30: Localização do terreno



Fonte: Geoportal, 2018.

O terreno possui 800 m²e atualmente não possui construções.

4.2.1 Análise do Entorno

É possível observar através de análises do entorno que todas as vias são pavimentadas e o terreno, que localiza-se em uma esquina, fica em duas ruas movimentadas da cidade: Rua Rio Grande do Sul que possui um único sentido e Avenida Carlos Gomes que também possui apenas um sentido nesse trecho.

Figura 31: Localização do Terreno



Fonte: Geoportal, adaptada pela autora 2018.

Através de análises efetuadas pelo GEOPORTAL de Cascavel, é possível observar que o terreno possui a estrutura básica para atender tal empreendimento: possui rede de água, esgoto, telefonia e internet.

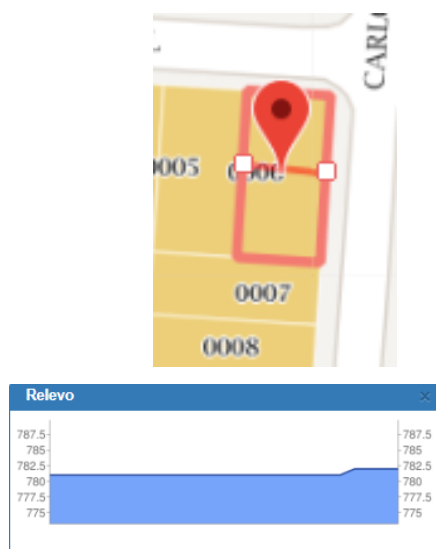
Existem pontos de ônibus a uma distância de 150 metros do terreno, além dos novos pontos de ônibus que irão funcionar na Avenida Brasil.

Em análise ao documento de Consulta de Viabilidade, é detectado que o terreno poderá receber a Loja Colaborativa.

4.2.4 Topografia

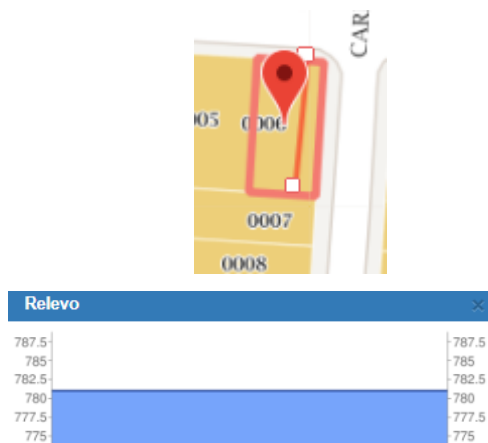
Por não possuir levantamento topográfico realizado foi necessária a análise e geração através de ferramentas como Geoportal Cascavel, e, após análise, foi possível observar que o terreno é pouco acidentado.

Figura 34: Corte esquemático leste e oeste - AA



Fonte: Geoportal Cascavel, adaptado pela autora, 2018.

Figura 35: Corte esquemático norte e sul - BB



Fonte: Geoportal Cascavel, adaptado pela autora, 2018.

4.3 INTENÇÕES PROJETUAIS

Após os estudos realizados através do marco teórico e das obras correlatas e de referências, foi possível definir as características utilizadas para a implantação da Loja Colaborativa para a cidade de Cascavel, Pr.

As análises feitas em coworkings e lojas colaborativas dão ênfase ao seu aspecto funcional, com espaços integrados e compartilhados. O Sinergia Coworking Palermo foi escolhido pois toda a sua setorização se dá através do mobiliário, não sendo necessário o uso de paredes ou demais vedações.

A Laundry Deluxe foi escolhida por conta do seu espaço multiuso. A lavanderia além de abrigar sua atividade principal é também um coworking, barbearia, brechó, bar e restaurante. Todas as suas atividades mesmo que distintas interagem harmonicamente no ambiente.

A obra Solar do Unhão teve sua determinada escolha pelo regionalismo empregado em seu restauro: a obra se destaca pois foi utilizado materiais, técnicas e mão-de-obra que havia na Bahia, onde suas particularidades e identidade foram respeitadas pela arquiteta.

O Palácio das Telecomunicações Presidente Arthur Costa e Silva foi o selecionado entre as obras de referência por representar o brutalismo paranaense: seu muro feito de concreto bruto possui marcas geométricas em baixo relevo, algo inventado no Paraná e que dá certa leveza a um material tido como agressivo. A técnica também aproxima o já estreito elo entre arquitetura e arte.

4.4 PLANO DE MASSAS



■	TERRENO
■	ESTACIONAMENTO
■	ÁREA VERDE DESTINADA A CONVIVIO
■	ÁREA DE CONVIVIO - CAFETERIA
■	SANITÁRIOS
■	SALÃO DE VENDAS
■	SETOR ADMINISTRATIVO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos estudos realizados pode-se concluir que o tema escolhido para o projeto agregará economicamente, ambientalmente e socialmente a cidade de Cascavel, que não possui nenhum empreendimento nesse perfil para atender sua população. Uma vez que os imóveis, principalmente os da região central, estão com valores cada vez mais altos, a viabilidade financeira se dá através do fato de que reunir diversas microempresas em um único espaço com o valor de aluguel reduzido e com pequena divisão de lucros torna-se viável tanto para o locador quanto para o locatário. No quesito ambiental, o empreendimento é viável pois centraliza a geração de resíduos, uma vez que com serviços reduzidos a geração de lixo é menor, bem como os demais gastos como energia e água. Na questão da sociabilidade, o empreendimento atenderá microempresárias que não possuem local físico nem podem dispor com os gastos gerados por um, além de promover a integração e a coletividade, possibilitando os usuários a conhecerem pessoas com o mesmo perfil, favorecendo a troca de experiências, além de agregar na vida pessoal de cada um, pois gerará amizade entre os possíveis locadores, locatários e clientes.

Se tratando de arquitetura e urbanismo, além do local de implantação ter sido escolhido principalmente pela proximidade de transporte público e ciclovias, o empreendimento contará com uma arquitetura moderna e regionalista, com materiais e mão-de-obra disponíveis na região, além de dar ênfase no espaço coletivo e multiuso para reforçar a sua proposta.

Após a elaboração deste trabalho, a autora conclui que o empreendimento será de grande importância para o crescimento econômico da cidade, pois, com base nos princípios da economia colaborativa, tanto o locador quanto o locatário terão lucros e consumirão no município.

O estudo para este trabalho contribuiu para o aprendizado sobre arquitetura corporativa e espaços compartilhados e toda a complexibilidade que envolve um empreendimento voltado para esta área e como o espaço pode ser utilizado e otimizado, a fim de abranger áreas tão distintas.

REFERÊNCIAS

BOCCATO, Vera Regina Casari. **METODOLOGIA DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA NA ÁREA ODONTOLÓGICA E O ARTIGO CIENTÍFICO COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO**. Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo, 2006.

BOSA, Kaique Fernando Borges. **Arquitetura corporativa: qualidade de vida no trabalho**. 2017.

BOTSMAN, Rachel; ROGERS, Roo. **O que é meu é seu: como o consumo colaborativo vai mudar o nosso mundo**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

D'AMORE, A. D. de A. **Layout, conforto e satisfação dos usuários em escritórios: uma avaliação pós ocupação no edifício da sede administrativa do INPE-CRN**. 2013. 108 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2013.

SANTOS, Claudia Maria Neme dos. **Coworking: contribuições de um modelo de consumo colaborativo e da arquitetura corporativa para o gerenciamento das cidades**. Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades, v. 2, n. 12, 2014.

GOMES, C. C. **Análise e design de trabalho aplicação de conceitos à organização do ambiente de trabalho**. Universidade Lusiada do Porto, Disponível em: . Acesso em: 4 abr. 2013.

JORGE, Mariana Sebalhos; BRASIL, Mayara Biondo; FERREIRA, Vitor Hugo do Amaral. A sociedade em rede e a perspectiva do consumo colaborativo na contemporaneidade. In: **2º Congresso Internacional de Direito e contemporaneidade**. 2013. p. 809-821.

MACEDO, Felícia Fernandes. **Guia de boas práticas de comunicação para lojas colaborativas**. 2017.

NUSSBAUMER, Gisele Marchiori. **Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares**. EDUFBA, 2007.

OLIVEIRA, João Maria de; ARAUJO, Bruno Cesar de; SILVA, Leandro Valério. **Panorama da economia criativa no Brasil**. 2013.

SILVA, Alysson Douglas Lira et al. **As gerações x & y e a economia compartilhada: uma proposta de intervenção em uma instituição de ensino superior para fomentar o desenvolvimento regional com esse novo modelo econômico**. 2016.

SCHOR, J. Debating the sharing economy. Great Transition Initiative, 2014.

ANGATU. **Vintset Experimental Store** / ANGATU. 2017. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/885600/vintset-experimental-store-angatu>> . Acesso em 10 de outubro de 2018 as 15:30h.

BARDI, L. B. **Lina Por Escrito - Textos Escolhidos de Lina Bo Bardi**. São Paulo: CosacNaify, 2009.

BELK, R. **You are what you can access: Sharing and collaborative consumption online**. Journal of Business Research, vol.67, 2014.

BENCKE, P. **O que a arquitetura corporativa pode nos ensinar sobre qualidade de vida?** LabQV. [S.l.: s.n.], 2015

DE CASTRO, Elizabeth Amorim. A arquitetura dos grupos escolares do Paraná na Primeira República. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 90, n. 224, 2009.

DELAQUA, Victor. **Sinergia Cowork Palermo** / Emilio Magnone + Marcos Guiponi. 2017. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/874682/sinergia-cowork-palermo-emilio-magnone-plus-marcos-guiponi>> Acesso em 09 de outubro de 2018, as 12:20h.

FAVILLA, Daniela et al. **O regionalismo crítico e a arquitetura brasileira contemporânea: o caso de Severiano Porto**. 2003.

FRACALOSSI, Igor. **Clássicos da Arquitetura: Solar do Unhão / Lina Bo Bardi**. 2015. Acesso 10 de outubro de 2018, as 08:40h.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1997. **Lugar, forma e identidade**. Revista AU nº 25. Agosto/Setembro de 1989.

KIRCK, Rodrigo. **Container**. 2016. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/801954/container-rodrigo-kirck-arquitetura>. Acesso em 09 de outubro de 2018, as 14:32h

LOPES, M.A.S. **Facilidades empresariais - Escritório virtual**. São Paulo: Editora SEBRAE, 2009.

MARQUARDT, S. **A estrutura independente e a arquitetura moderna brasileira**. 2005.

PACHECO, Paulo Cesar Braga. **A arquitetura do grupo do Paraná 1957-1980**. 2010.

PIQUETTI, T. **Uso da arquitetura para qualidade de vida nas empresas**. 2012. 13 f. Artigo (Pós-graduação em Arquitetura) – Instituto de Pós-Graduação IPOG, Florianópolis. 2012.

PORTAL DO MUNICÍPIO DE CASCAVEL. Disponível em: <http://www.cascavel.pr.gov.br/historia.php>. Acesso em 12 de outubro de 2018. As: 15:40h.

RUBINO, S. **Rotas da modernidade: trajetória, campo e história na atuação de Lina Bo Bardi, 1947-1968**. Campinas, SP - 2002. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000246423>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SODRÉ, Fernanda. Laundry Deluxe. 2018. Disponível em < <http://alefdesign.com.br/laundry-deluxe/>> Acesso em 10 de outubro de 2018, as 11:15h.

ANEXOS